

## **Sobre a violência simbólica contra pessoas negras na mídia brasileira contemporânea<sup>12</sup>**

**Pedro Henrique Conceição dos Santos<sup>3</sup>**

**Resumo:** A partir de um estudo cultural crítico, analisamos como se dá a violência simbólica contra pessoas negras na mídia brasileira contemporânea. Ainda que sejam perceptíveis mudanças positivas em relação ao racismo presente na sociedade brasileira, a mídia contemporânea sofisticou suas formas de violência, tornando o racismo cada vez mais sutil. Para tanto, utilizamos exemplos e os analisamos a partir de ferramental de Análise de Discurso Crítica.

**Palavras-chave:** Mídia. Racismo. Violência Simbólica.

---

### **1 Introdução**

Em 2020, o mundo mudou substancialmente devido à pandemia de Covid-19, doença ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2. O isolamento social não impediu que a sociedade permanecesse lutando por seus direitos. Pelo contrário, vimos diversos acontecimentos importantes. Por conta das ações policiais violentas que ocorreram em 2020, foram organizados protestos pelo *Black Lives Matter* – movimento social negro estadunidense – nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, no Brasil protestos defenderam a vida de pessoas negras inocentes, também mortos por ações policiais. Esses levantes irromperam devido à insatisfação de populações negras que vivem em constante medo e sofrimento, ocasionado por diversas formas, não somente físicas.

Ações como essas são perceptíveis em diversos momentos da história. Como é apontado por Butler (2017), um levante surge para “(...) dar fim a uma condição da qual se padeceu por mais tempo do que o razoável. Levantes acontecem tarde demais, no esforço de instaurar uma nova situação (...)” (BUTLER, 2017, p. 23). Ou seja, é uma situação emergencial – algo que a própria teórica estadunidense aprofunda em seu trabalho e considera-o “urgente e tardio” (BUTLER, 2017, p. 26) –, mas que “começam,

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho GT 1 – Narrativas contemporâneas nas mídias do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

<sup>2</sup> Este artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>3</sup> Doutorando em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF) e bolsista CAPES, mestre em Comunicação (PPGCOM/UFF) e membro do grupo de pesquisa Ética (para além) da Sociedade de Consumo (ESC), [pedrohenrique.cdossantos@gmail.com](mailto:pedrohenrique.cdossantos@gmail.com).

duram e terminam” (BUTLER, 2017, p. 30). Porém, essa fugacidade dos levantes não significa um fim, mas a resistência posta em prática na construção da história dos próprios indivíduos e grupos. Como é afirmado por Didi-Huberman (2017), “(...) nos levantes, a memória se inflama: ela consome o presente e, com ele, certo passado, mas descobre também a chama de uma memória mais profunda, oculta sob as cinzas” (DIDI-HUBERMAN, 2017).

Nesse sentido, é comum as pessoas não se recordarem que o *Black Lives Matter* surgiu como uma mobilização na internet. Como também não se recordam de ações ocorridas nas ruas dos Estados Unidos na década de 1990, como é retratado no documentário *Um crime americano (LA 92, no original)* (2017), de Daniel Lindsay and T. J. Martin. O filme narra os acontecimentos dos protestos nas ruas de Los Angeles, em 1992, por conta da morte de Rodney King foi morto por quatro policiais brancos, todos inocentados. Também fala sobre a morte de Latasha Harlins, morta por uma dona de uma loja de conveniência sul-coreana, que apenas teve que cumprir serviços comunitários como sentença.

Em outros momentos, o espaço cinematográfico ficcional também levou a questão para ser discutida. Em *Faça a coisa certa (Do the right thing, 1989)*, de Spike Lee, temos a história de Mookie, um jovem negro que trabalha na pizzaria de Sal, um descendente de italianos. Nesta obra, é apresentada a morte nua e crua de um personagem negro devido à ação bruta policial. No entanto, as cenas chocantes foram menosprezadas pelo público por conta da depredação da pizzaria de Sal no final do filme promovida pelos amigos, colegas e conhecidos negros do rapaz assassinado (KELLNER, [1995], 2001). Neste sentido, a violência da propriedade privada está relacionada à resistência negra. Ou, nas palavras de Angelou (2019):

Nunca me orgulho de participar de atos violentos, mas ainda sei que todos nós devemos gostar de nós mesmos a ponto de estarmos prontos e sermos capazes de agir em legítima defesa quando e onde for necessário (ANGELOU, 2019, p. 93).

Pensar que os levantes ocorrem como uma chama que se incendeia e, após queimar, se apaga sem deixar vestígios é problemático. Isso porque o combustível para que essa vela queime é cultivado por muito tempo até que, em um momento que todo um grupo de pessoas se sinta sensibilizado e mobilizado, tome atitudes tidas como radicais. No caso de nós – e aqui me incluo, como pessoa, para além do meu trabalho como

pesquisador –, pessoas negras, sofremos continuamente de diferentes formas por conta do racismo. O racismo, como bem indicou González ([1979], 2020), é “uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial (...) e tem sido perpetuado e reinterpretado de acordo com os interesses dos que dele se beneficiam” (GONZÁLEZ, [1979], 2020, p. 55).

É neste sentido que pensamos este trabalho. A partir da reflexão teórico metodológica presente no trabalho de Kellner ([1995], 2001), realizamos um estudo cultural crítico. O pesquisador estadunidense afirma que “o melhor modo de desenvolver teorias sobre mídia e cultura é mediante estudos específicos dos fenômenos concretos contextualizados nas vicissitudes da sociedade e da história contemporâneas” (KELLNER, [1995], 2001, p. 12). Pensando em um ferramental metodológico que pudesse dar conta de uma análise na estrutura social, pensamos nos objetos que serão analisados por meio da perspectiva da Análise de Discurso Crítica.

Compreendendo que “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91) e que “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados gerados em relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94), utilizamos os três itens apontados por Fairclough (2001, p. 103-104) para justificar a análise dos objetos neste trabalho: 1) a “força” dos enunciados, ou seja, aquilo que eles querem transmitir; 2) a “coerência” dos textos, que é a capacidade de fazerem sentido com o mundo; e 3) a “intertextualidade” dos textos.

A última – a intertextualidade – é a que mais nos interessa. Para Hall ([2013], 2016, p. 150), a intertextualidade é a “acumulação de significados em diferentes textos, em que uma imagem se refere a outra ou tem seu significado alterado por ser ‘lida’ no contexto de outras imagens”. Esta característica é a mais importante para aquilo que o teórico jamaicano irá chamar de regime racializado de representação. Em seu trabalho, Hall ([2013], 2016) apresenta como diferentes modelos em diferentes momentos de uma mesma época constituem formas que aparecem como naturalizadas de um mesmo grupo racial – que, no caso de sua pesquisa, tratava-se de pessoas negras britânicas.

Em nosso trabalho, pretendemos demonstrar como se dá a violência simbólica provocada pela mídia brasileira contemporânea. Através de exemplos ligados a diferentes produtos midiáticos – a dizer, uma peça publicitária e uma personagem em uma novela –

, serão analisados os seus conteúdos, demonstrando – se for o caso – como o racismo é apresentado de forma sutil. Essas formas sofisticadas da apresentação do racismo mostra o trabalho ideológico que está por trás desta forma de discriminação.

## **2 Definindo os limites conceituais do que é violência simbólica**

Certas vezes, situações como àquela citada sobre a insensibilidade do público branco em relação à morte de um personagem negro no filme *Faça a coisa certa* (1989) tornam-se rotina. Para Žižek (2014), essa insensibilidade tem um lugar muito caro para os grupos hegemônicos: a manutenção do poder ligada, principalmente, ao capitalismo. O autor divide duas grandes categorias de violência: 1) uma mais visível, que se dá através de agentes sociais diversos que reproduzem esses efeitos “maléficos”, que ele a chama de subjetiva; 2) outra mais sutil e que, para ele, tem maior efetividade, chamada de objetiva. A chave para compreender a violência objetiva é que ela é “invisível”, pois ela sustenta o “estado das coisas”. Colocamos que é “invisível”, entre aspas, porque é uma violência que é invisível para uma boa parte de pessoas, mas os que sofrem conseguem a identificar muito bem.

Para exemplificar, citamos o trabalho de Kilomba, *Memórias da Plantação* ([2009], 2019). Sua tese tem como subtítulo “episódios de racismo cotidiano” e expõe várias situações corriqueiras que significam muito para as mulheres entrevistadas. Até hoje, os efeitos negativos nas construções das subjetividades negras por meio dos diversos tipos de violências sofridas, ainda não foi totalmente sistematizado. Neste trabalho, temos alguns caminhos que podemos perceber lugares que são perseguidos, seja a pele, seja o cabelo, seja o trauma colonial, ou a própria sexualidade, uma vez que a mulher negra sofre não somente com o racismo, mas também com o sexismo. Neste contexto, assim como o ponto de vista de pessoas negras foi – e ainda é – ignorado em diversas instâncias, seja social, epistemológica, científica etc., a nossa produção de sentido foi deixada de lado, existe uma barreira para a compreensão daquilo que vivemos.

Dito isso, retomamos a discussão sobre violência de Žižek (2014)<sup>4</sup>, pois ele ainda divide a violência objetiva em sistêmica e simbólica. Apesar dessa divisão pouco nos

---

<sup>4</sup> O autor considera que o racismo é uma violência ideológica. Preferimos considerar como violência simbólica por conta das provocações que podem ser suscitadas pelo termo.

servir para entender o fenômeno da violência simbólica da mídia, a compreensão de como a violência simbólica ajuda a constituir a violência subjetiva nos interessa. Essa violência é a que vai conferir coerência ao mundo desigual instituído, como uma “justificativa” para “as coisas serem do jeito que são”, como se os eventos violentos que acontecem fossem naturais e esperados. Essa naturalização é um aspecto discursivo importante na Análise de Discurso Crítica, uma vez que é um dispositivo muitas vezes utilizado, conforme vemos no trabalho de Thompson ([1990], 2011), como um modo de operação da ideologia.

Segundo Bourdieu (1997), “a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, p. 22). O que ele chama de “inconsciente” apenas se configura como tal por seu caráter ideológico<sup>5</sup>. Ora, se o racismo é uma construção ideológica, como afirma González ([1979], 2020), suas formas podem se transformar e se adequar a sua época, tornando-se “inconsciente”, apesar de ser replicada continuamente em formas cotidianas.

Sobre esse processo de transformação e sofisticação, precisamos perceber como o racismo se configurou – e ainda se configura – como um tipo de saber/conhecimento. Se pensarmos que o racismo científico já foi uma forma dominante de pensamento, substituída, posteriormente, pelo mito da democracia racial (GONZÁLEZ, [1979], 2020, p. 50), que nos faz acreditar em uma construção pacífica entre as ditas três raças fundadoras de Freyre ([1933], 2003) – os povos originários indígenas que já viviam nas nossas terras, os brancos colonizadores portugueses e os negros africanos escravizados. É bem possível que, nos dias de hoje, estamos vivendo uma nova categoria, a qual chamaria “mito do antirracismo capitalista”, no qual vemos a inserção de grupos, identidades e da cultura negra sem muito questionamento dos espaços que estão sendo ocupados ou com que custo.

Nesse novo momento, formas mais sofisticadas podem ser apontadas como as que guardam a violência simbólica sutil, principalmente quando pensamos nos aparelhos

---

<sup>5</sup> Segundo Marx (2008), “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual; não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47). É nessa perspectiva que encaramos o que é ideologia neste artigo.

midiáticos. hooks (2019) já havia nos advertido sobre o caráter de *comodity* que a representação negra estava – e está – ganhando em nossa contemporaneidade. Moeda de troca para o reconhecimento daqueles que continuam a não reconhecer. Pois o aparecer não significa se fazer presente.

### **3 A violência simbólica na publicidade**

Em outra oportunidade (SANTOS, 2021), discutimos sobre um caso que havia chocado os usuários da internet: o caso da campanha de Kathlen Romeu, realizada pela Farm. No dia 8 de junho de 2021, quando a jovem Kathlen Romeu tinha apenas 24 anos e estava esperando um filho, acabou sendo atingida por uma bala de fuzil depois de uma troca de tiros em uma ação Polícia Militar na Comunidade de Lins de Vasconcelos, localizada na Zona norte da capital fluminense<sup>6</sup>. Ela era funcionária da Farm, marca de roupas do Grupo Soma – que surgiu a partir da fusão de duas grandes marcas, no caso a própria Farm e Animale, em 2010<sup>7</sup>.

Um dia após a morte de Kathlen Romeu, a empresa onde ela era funcionária lançou uma campanha através de uma publicação no site de rede social Instagram<sup>8</sup>. A campanha tinha como objetivo arrecadar fundos para a família de Kathlen Romeu, por meio da utilização do código de vendedora da ex-funcionária, um tipo de ação que é recorrente e feita com suas funcionárias também vivas. O texto continha vários dizeres, entre eles que “a partir de hoje, toda venda feita no código de Kathlen terá sua comissão revertida em apoio para a sua família”. Por conta da insatisfação e questionamento do público, eles alteraram posteriormente a publicação. A publicação, antes de ser editada, pode ser conferida abaixo, na Figura 1.

---

<sup>6</sup> O que se sabe sobre a morte da jovem Kathlen Romeu, no Rio. **G1 Rio**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/10/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-da-jovem-kathlen-romeu-no-rio.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.somagruposoma.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CP55oiBj13c/>. Acesso em: 30 de jul. 2022

Figura 1 – Campanha #JustiçaPorKathlen no Instagram feita pela Farm



Fonte: Captura de tela realizada pela Propmark, 2021<sup>9</sup>.

Devemos analisar essa campanha a partir das condições materiais de existência contidas nela em relação a Kathlen Romeu. O valor arrecadado com a campanha não seria totalmente revertido para a família de Kathlen Romeu, mas o valor arrecadado a partir do código, ou seja, a comissão como vendedora da loja. De acordo com o site *Glassdoor*, o salário de um(a) vendedor(a) da Farm não chega a R\$ 2 mil<sup>10</sup>. O Grupo Soma – conglomerado que a Farm faz parte – adquiriu, recentemente, a Hering, pelo preço de R\$ 5,1 bilhões<sup>11</sup>. Desta maneira, a empresa buscava, por meio da campanha, lucrar com a venda de produtos, que provavelmente aumentariam caso as pessoas comovidas pela situação adquirissem os seus produtos. Estamos falando com o lucro a partir da morte de uma mulher negra. Mas essa questão não é novidade, uma vez que nosso país foi moldado a partir da morte de pessoas que foram escravizadas, tratadas sem dignidade em condições de transporte – navios negreiros – extremamente precárias e que vivem em um regime de escravidão.

Enquanto fala sobre a produtividade acadêmica negra, Mombaça (2021) é cirúrgica quando fala sobre o processo de apropriação branca. Aliás, devemos lembrar que, na

<sup>9</sup> Disponível em: <https://propmark.com.br/apos-repercussao-negativa-farm-cancela-acao-com-codigo-de-funcionaria-que-morreu/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.glassdoor.com.br/Sal%C3%A1rio/Loja-Farm-Sal%C3%A1rios-E2799440.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/1521001/2021/06/caso-kathlen-farm-cancela-acao-de-marketing-com-vendedora-assassinada-apos-criticas/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

maioria das vezes – e é o caso do Grupo Soma, com seu *CEO* Roberto Jatahy – as grandes empresas são controladas por pessoas brancas, assim como exercem a maior parte dos cargos de poder. Sendo assim e retomando a discussão de Mombaça, vemos que há uma “(...) reprodução carregada de uma lógica anacrônica de valor que, entretanto, configura o presente e o futuro das políticas especulativas brancas – valor como aquilo que é roubado de nós” (MOMBAÇA, 2021, p. 44-45).

Ainda que a marca tenha sido penalizada no site de rede social, com pessoas questionando a ação em diversos comentários – o que significa um avanço na percepção crítica das pessoas em relação aos conteúdos midiáticos –, a permissibilidade que a Farm sentiu em produzir uma campanha como essa mostra como esse tipo de violência simbólica ainda é pensada como possibilidade.

O chamado necromarketing (WOJCIECHOWSKI, SHELTON, 2014) é uma forma de comunicação das empresas que serve para persuadir o público por meio do uso de pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pelo advento da morte. Segundo Wojciechowski e Shelton (2014), o necromarketing pode ser explícito ou implícito, sendo que na primeira forma há a explicitação e apresentação das catástrofes que levaram à morte, enquanto no segundo caso se dá a entender a presença da morte sem a utilização de imagens que expõe ela em si (WOJCIECHOWSKI, SHELTON, 2014, p. 92-93).

Essa perspectiva só é possível, no caso de pessoas negras e na situação apresentada neste artigo, por conta da noção de necropolítica, apresentada pelo pesquisador camaronês Mbembe ([2003], 2018). Segundo o teórico, “a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte” (MBEMBE, [2003], 2018, p. 71). O biopoder e a biopolítica foram estudadas por Foucault ([2004], 2008), a partir de uma reflexão da ascensão do liberalismo – e posteriormente, do neoliberalismo – como pensamento norteador ocidental, um regime que controla mentes ideologicamente, em termos de Dardot e Laval ([2009], 2016). Temos, então, na necropolítica um tipo de poder que Mbembe denomina necropoder, um poder que “embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (MBEMBE, [2003], 2018, p. 71). Seu funcionamento é descrito pelo teórico camaronês, e se trata da forma como os corpos mortos são tratados como uma fonte de poder e economia:



Se o poder ainda depende de um controle estreito sobre os corpos (ou de sua concentração em campos), as novas tecnologias de destruição estão menos preocupadas com a inscrição de corpos em aparatos disciplinares do que em inscrevê-los, no momento oportuno, na ordem da economia máxima, agora representada pelo “massacre” (MBEMBE, [2003], 2018, p. 59)

Levando em consideração o passado de escravidão, a própria necropolítica seria a extensão das políticas do corpo impressas há muito tempo. Da mesma maneira que temos um regime racializado de representação, que traz novamente a dor de pessoas negras mortas – seja através corpos castigados pela escravidão, seja através das consequências sociais advindas desse processo desumanizante –, podemos dizer em um regime de racializado de existência ou um regime racializado de subjetividades. Novamente, afirmamos que a permissibilidade na utilização de uma mulher negra morta como forma de promoção de uma empresa apenas revela a condição estrutural do racismo brasileiro.

#### **4 A (im)possibilidade narrativa em novelas**

A novela *O Clone* (2001), de Glória Perez foi reprisada no programa *Vale a pena ver de novo* em 2021, na emissora Rede Globo. A novela conta a história da produção de um clone a partir de material genético e de reprodução assistida. A personagem Deusa, interpretada por Adriana Lessa, é uma figura importante no desenvolvimento na trama. Ela é uma dançarina que tem o sonho de ser mãe. Ela é negra e faz parte de um dos núcleos negros da novela, caso considerarmos que o outro núcleo negro da novela seja o da personagem Dona Jura, interpretado por Solange Couto.

É importante destacar que a ideia de “núcleo negro” é algo comum, até mesmo em novelas mais atuais. Apesar das mudanças recentes, com atores e atrizes assumindo papéis com mais repercussão e destaque, até mesmo com protagonismos, personagens negros, geralmente, ficam reservados a espaços muito específicos. Por exemplo, da mesma maneira que temos um núcleo rico da novela *Cara e Coragem* (2022), de Claudia Souto, temos vários núcleos negros na novela *Além da Ilusão* (2022), de Alessandra Poggi, sendo que os personagens não assumem papéis de poder de decisão ou aquisitivo. Temos o primeiro grande problema: as (im)possibilidades de existência de personagens negras e negros em novelas. Os lugares reservados são poucos, com papéis que não possuem grande complexidade. Muitas vezes, as relações nem são totalmente explicadas,

ou terminam sem um par romântico, algo comum nas histórias dos folhetins televisivos. Os temas relativos a racismo e/ou negritude aparecem de forma sutil ou são reduzidos a “preconceito”.

Conceitualmente, o racismo é classificado como discriminação. Segundo Jablonski, Assmar e Rodrigues (2010), para a Psicologia Social temos três termos para descrever os processos de atribuição de aspectos negativos e diferencial aos “outros”: 1) o estereótipo, que é o componente cognitivo, a base cognitiva daquilo que pensamos sobre os “outros”; 2) o preconceito, que é o componente afetivo, a atitude de hostilidade a um grupo “outro”; 3) a discriminação, que é o componente comportamental, ou seja, se dá através de práticas explícitas de segregação (JABLONSKI; ASSMAR; RODRIGUES, 2010, p. 149-150). Não é incomum perceber que práticas hostis, ações de personagens em novelas, acabam sendo retratadas apenas como “preconceito”, que na realidade é um componente afetivo, geralmente reservado para si.

Retomando a discussão sobre a personagem Deusa, de *O Clone* (2001), havia um sonho que ela gostaria de realizar: ser mãe. Seu par romântico na novela, Edvaldo, interpretado por Roberto Bonfim, não consegue ter filhos por ser estéril. Ela resolve recorrer à reprodução assistida – situação altamente contestada por Edvaldo – e quem a acompanha é o médico Albieri, interpretado por Juca de Oliveira. O procedimento, no caso dela, acabou sendo uma clonagem feita a partir do material genético de um dos irmãos gêmeos que falece no início da trama, Lucas, interpretado por Murilo Benício. Léo, filho de Deusa é a cópia de Lucas, ainda que a dançarina não saiba sobre o procedimento que Albieri havia feito. No final da novela, Deusa é obrigada a passar por um tribunal para defender a guarda de seu filho com o pai de Lucas, o empresário Leônidas, interpretado por Reginaldo Faria. Ela termina sem seu filho, uma vez que Léo tem um final misterioso, sumindo com seu criador, o médico Albieri.

Nessa descrição dos acontecimentos da novela em relação a Deusa, podemos perceber como a personagem é constantemente controlada. Há uma obsessão em fazer a personagem sofrer, seja com seu par romântico – que não aceita a realização do seu sonho de ser mãe –, seja pela manipulação da clonagem feita por Albieri – que realiza a inseminação de material genético clonado sem o consentimento de Deusa –, ou também pelo seu filho que a renega – que desisti da vida com ela para sumir em um deserto, sendo

que o personagem sempre questionava o seu pertencimento, principalmente por conta do código de cor da pele.

O sofrimento dela remete a um estereótipo bastante conhecido do cinema estadunidense: a mulata trágica. Esta categoria é tratada no estudo de Donald Bogle (1973, p. 9) sobre os estereótipos negros do cinema estadunidense, em que você tem uma mulher que é negra, mas tem “sangue branco” também, o que a tornava uma personagem mais “simpática”, mas que nunca conseguia ser completamente feliz por conta de sua mestiçagem. Sua mestiçagem é considerada uma maldição que ela deve carregar e, portanto, ser infeliz, ou melhor, ter um desenvolvimento narrativo trágico.

Ainda que Glória Perez não tenha construído a personagem Deusa como uma mulata trágica conscientemente, usando termos de Bourdieu. Mas conforme afirmado, por se tratar de imagens cristalizadas e reproduzidas ao longo de todo um momento histórico, ou seja, dentro do mesmo regime de representação, que é racializado, constitui uma limitação conferida às narrativas de pessoas negras.

## **5 Considerações finais**

Neste artigo, nos propusemos a discutir sobre como a mídia produz uma violência simbólica em relação às pessoas negras. Geralmente, quando há a relação entre mídia e violência, sempre pensamos nas notícias jornalísticas que configuram um ar de não-existência a pessoas negras que cometem crimes, por exemplo. Ou, apresentam-se cenários de discriminação explícita. O maior problema na contemporaneidade midiática é representado pelo conjunto de formas sutis em que o racismo se dispersa, causando dores e danos às construções subjetivas de pessoas negras.

Parece que, do ponto de vista epistemológico, a agonia de tantas pessoas negras nunca é suficiente. É necessário separar a dor da teoria, alguns irão dizer. Mas como separar aquilo que constitui o problema que se vive diariamente? Neste artigo, completamente fundamentado teórico e metodologicamente, pode aparecer algum caminho para que os sentimentos despedaçados de tantas pessoas negras que, como eu, vivem nessa situação de sufocamento simbólico, de retenção de possibilidades. Afinal, felizmente, nem tudo está apenas perdido.

Conforme mencionado no início do texto, nos baseamos principalmente na proposição de ser um estudo cultural crítico – o que fizemos, afinal, analisamos os objetos

dentro de sua própria realidade, sem deixar de lado as condições materiais de existência. Mas também, acreditamos na ideia de superação por meio de uma pedagogia crítica da mídia, também apontada no trabalho de Kellner ([1995], 2001). O fato de o público rejeitar a campanha da Farm – que utilizou a morte de Kathlen Romeu – é um sinal importante para a humanização de pessoas negras, que foram deixadas de lado no que diz respeito à construção do conceito de humanidade, que foi reservado apenas para os homens europeus. Humanos eram aqueles que poderiam usufruir de sua condição de cidadão.

Mais importante, é percebermos a necessidade da discussão étnico-racial na formação de profissionais da área da Comunicação Social. Deixo a seguinte pergunta: será que a formação do ensino superior, hoje, é capaz de suprir as discussões éticas sobre raça e etnicidade? Estamos formando pessoas capazes de ter empatias por grupos sociais raciais e étnicos minorizados? Pensando nos produtos midiáticos analisados e a atualidade deles, talvez não. Para pensar uma pedagogia crítica da mídia, os que são responsáveis pela construção do saber devem assumir sua responsabilidade nessas produções que violenta a mente e os corações de pessoas negras no Brasil, minando suas próprias construções de ser. Esse é um encaminhamento possível, que não tem como ser abordado no âmbito deste artigo.

Por fim, o que percebemos é a formação de um outro tipo de mito racista, que tenta usar pessoas negras como moeda de troca para ampliar ainda mais o lucro de empresas para que haja a representação negra. O “mito do antirracismo capitalista” talvez não apareça de forma óbvia, mas se apresenta nessa forma “controlada” de representação de pessoas negras. Kathlen Romeu pode aparecer, mas apenas depois que morre. Deusa pode ter uma história, mas ela é completamente trágica. Sutilmente, o sentido produzido é de limitação das subjetividades que podem vir à tona em relação às pessoas negras.

## **Referências**

ANGELOU, Maya. Em legítima defesa. *In*: ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

BOGLE, Donald. **Toms, coons, mulattoes, mammies, and bucks: an interpretive history of blacks in American films**. New York: The Viking Press, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUTLER, Judith. Levante. *In*: DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). **Levantes**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. (2009). **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Através dos desejos (Fragmentos sobre o que nos subleva). *In*: DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). **Levantes**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

FOUCAULT, Michel. (2004). **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREYRE, Gilberto. (1933). **Casa-grande & senzala**: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

GONZÁLEZ, Lélia. (1979). A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. (2013). **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

JABLONSKI, Bernardo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; RODRIGUES, Aroldo. Preconceito, estereótipos e discriminação. *In*: JABLONSKI, Bernardo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KELLNER, Douglas. (1995). **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KILOMBA, Grada. (2008). **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MBEMBE, Achille. (2003). **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

SANTOS, Pedro Henrique Conceição dos. Entre a ética publicitária e o necromarketing: o caso Farm e Kathlen Romeu. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Belém. **Anais eletrônicos** (...). São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt2-pp/pedro-henrique-conceicao-dos-santos.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2022.

THOMPSON, John B. (1990). O conceito de ideologia. *In*: THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WOJCIECHOWSKI, Łuksaz.; SHELTON, Amiee. J. Necromarketing in Advertising. **Studia Ekonomiczne**, v. 205, p. 91-97, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.